



MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Antônia Cristina Valentim da Luz (PPGEL-UFMT)¹
antoniacristinaluz@gmail.com

Quando o assunto é oralidade e letramento, é impossível não se referir a Luiz Antônio Marcuschi, o precursor destes estudos no Brasil, foi Doutor em Filosofia da Linguagem (1976) e Pós-doutor em questões da oralidade e escrita (1987), ambos na Alemanha. Na UFPE, Marcuschi criou o Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e Escrita (NELFE).

No livro “Da fala para a escrita”, Marcuschi propõe uma visão sistemática das relações entre fala/escrita e apresenta estratégias de retextualização, passagem do texto falado para o texto escrito. Norteados pela concepção de língua como atividade sociointerativa, histórica e cognitiva; o autor analisa as relações entre oralidade e letramento como o uso adequado da língua com o propósito de produzir o sentido pretendido em uma situação comunicativa, não sendo uma mera adequação às regras.

O livro está estruturado em dois capítulos precedidos de apresentação e agradecimentos. O capítulo I versa sobre oralidade e letramento, contendo oito subtópicos e o capítulo II sobre processos de retextualização contém treze subtópicos, sendo o último “Algumas palavras finais” a conclusão do livro.

Na primeira parte, Marcuschi aponta que fala e escrita não possuem relações dicotômicas, mas devem ser analisadas como um continuum de variações, gradações e interconexões. “A proposta é a de que se vejam estas relações dentro de um quadro mais amplo no contexto das práticas comunicativas e dos gêneros textuais”. (pg.9). Observando alguns gêneros textuais, nota-se a dificuldade em

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, nível Mestrado, da Universidade Federal de Mato Grosso, na área de Estudos da Linguística – linha de pesquisa Paradigmas de Ensino de Línguas; grupo de pesquisa em Linguagem, Ensino, Interação e Aprendizagem – LEIA; Cuiabá, MT, Brasil; antoniacristinaluz@gmail.com.



estabelecer uma delimitação estanque do que pertence ao domínio oral ou escrito. O autor cita o exemplo de comunicação via internet que pode ser escrita e sincrônica, constituindo um texto misto de oralidade e escrita. Assim, o autor considera fala e escrita como duas modalidades de uso da mesma língua, sendo ambas sistemáticas, regradas, valiosas e capazes de expressar tudo o que quisermos. Acaba por desfazer o mito da supremacia da escrita sobre a fala (Ong, 1998) e, por consequência, elimina o preconceito de que a fala é lugar de caos e falta de planejamento.

Marcuschi conceitua os termos oralidade/letramento e fala/escrita. Letramento é a aprendizagem histórica e social da leitura e escrita, diferente de alfabetização que é o ensino sistemático dos mesmos itens e escolarização, que é uma prática formal e institucional que busca a formação integral do indivíduo, neste caso a alfabetização é apenas uma das atividades. Outro dado interessante é a crença de que a alfabetização se equipare a desenvolvimento, o que disseminou uma ideologia de prosperidade relacionada à alfabetização. Marcuschi aponta que a escrita é um fato histórico e deve ser tratado como tal e não como bem natural.

A oralidade se caracteriza pelas práticas sociais com fins comunicativos fundadas na realidade sonora. A fala seria uma produção discursiva para fins comunicativos na modalidade oral com sons articulados e significativos, acompanhado pelas linguagens corporais. A escrita seria uma produção discursiva para fins comunicativos, caracterizada por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica.

Em seguida, Marcuschi traça um pequeno histórico das principais tendências de estudo sobre fala e escrita. A primeira delas é perspectiva da dicotomia fala versus escrita (língua falada x língua escrita) que é uma visão insensível aos fenômenos dialógicos e discursivos. Postula a fala como menos complexa, sendo o lugar do erro e do caos gramatical, e a escrita como complexa, sendo o lugar da norma e do bom uso da língua.

Na perspectiva fenomenológica de caráter culturalista a escrita representa um avanço na capacidade cognitiva dos indivíduos. Digno de nota é que esta perspectiva preconiza a crença de que a introdução da escrita pressupõe uma alfabetização em



massa. Fato que sabemos nunca ter acontecido na maioria das sociedades, nas quais a escrita se destinava ao poderio de uma elite. Por acreditarem que a escrita seria responsável pelo aparecimento do raciocínio lógico e do pensamento abstrato, a julgam superior à fala.

A perspectiva variacionista observa as variedades linguísticas distintas, não estabelecendo dicotomias. Por fim, Marcuschi apresenta a perspectiva sociointeracionista que percebe a língua como fenômeno interativo e dinâmico, destacando seu caráter dialógico. Tal estudo se beneficia dos conceitos da análise crítica do discurso e da etnografia, estudando fenômenos na interação face a face e na interação leitor e escritor. Esta perspectiva é que direciona sua tese sobre retextualização apresentada a seguir.

Na segunda parte do livro, Marcuschi define retextualização como a passagem de um texto da modalidade oral para a modalidade escrita e vice-versa. Desenvolve considerações a respeito de atividades de transcrição como um procedimento de transcodificação. Destaca a diferença entre transcrever e retextualizar, ressaltando que na transcrição usamos um sistema de notação próprio da transcrição com o propósito de manter fidelidade à produção oral, fugindo inclusive do padrão ortográfico. Nestes procedimentos temos os primeiros passos para a retextualização. O autor deixa bem claro as diferenças entre resumo e retextualização, pois esta deve ser fiel ao texto original e não deve suprimir partes consideradas secundárias, como acontece no resumo. O processo de transcrição passa primeiro por um processo de compreensão do indivíduo, que ao transcrever irá retirar as marcas de oralidade (repetições, redundâncias, marcadores específicos da fala, pausas, correções, etc) e talvez mudar o sentido, visto que a transcrição não tem o mesmo compromisso que a paráfrase de buscar um sentido equivalente.

Marcuschi demonstra como as atividades de retextualização são comuns em nosso cotidiano e apresenta uma proposta de sistematização desta atividade. Interessante apontar é que na época em que o livro foi escrito, não havia o aplicativo chamado whatsapp que aumentou consideravelmente nossa atividade de retextualização, no



qual registramos narrativas e exposições mais semelhantes ao diálogo oral. O autor deixa bem claro que “a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem.” (MARCUSCHI, 2004, 47). Enfim, retextualização é um processo que altera código e sentido, evidenciando aspectos da relação oralidade-escrita, um exemplo é a revisão que um jornalista faz antes da publicação de uma entrevista originalmente gravada. Marcuschi explica estes processos de revisão com base em Taylor & Cameron (1987, 130) que designam a editoração como a hipótese da frase-alvo, o falante tem uma meta de produzir frases bem formadas e isso é observável através da descontinuidade na fala. Esta editoração é uma busca pela eficácia na comunicação e não uma adequação às normas da escrita.

O autor destaca as variáveis que podem interferir no processo de retextualização: o propósito, a relação entre produtor e transformador, os gêneros textuais envolvidos e seus processos de formulação.

Após apresentar o estado da arte, Marcuschi propõe seu modelo de retextualização baseado nas ideias de Taylor & Cameron (1987). Seu modelo possui nove operações que podem ser divididas em dois conjuntos: o conjunto de regras de regularização e idealização que abarca as operações 1 à 4 e o conjunto de regras de transformação abrangendo as operações de 5 à 9. Tais operações são apresentadas num quadro e depois trabalhadas em sub tópicos com suas definições, características e exemplos.

As operações supracitadas podem ser definidas resumidamente. Na 1ª operação eliminam-se as marcas de interação, hesitações e partes de palavras não concluídas; tais eliminações correspondem a de 10% a 20% do material sonoro. A 2ª operação introduz intuitivamente a pontuação, baseadas em entonações e pausas. Na 3ª operação retiram-se as repetições, reduplicações e redundâncias que são marcas da oralidade e desnecessários na modalidade escrita. Encerrando este conjunto, a 4ª operação que separa em parágrafos com uma pontuação mais sem modificar a ordem dos tópicos.



O texto começa a ser transformado na 5ª etapa que introduz marcas metalinguísticas que referenciem as ações e verbalizações do contexto, reformulando o texto para ser mais explícito. Na 6ª etapa executa-se uma revisão da concordância, reordenação sintática e encadeamento pertencentes a modalidade escrita. A 7ª etapa traz a substituição de estruturas sintáticas e opções léxicas mais formais. Na 8ª etapa faz-se a reorganização tópica e argumentativa do texto e finalizando este conjunto, a 9ª operação que condensa as ideias agrupando os argumentos.

O livro de Marcuschi “Da fala para a escrita” é um referencial nos estudos concernentes à oralidade e letramento e pode interessar a pesquisadores, professores de todos os níveis e graduandos que se interessem por este tipo de estudo. A linguagem é acessível a todos os níveis de leitores e a estrutura do texto é bem didática, o que propicia uma leitura fluente e prática. Seu paradigma de estudo da oralidade e escrita não é novo, mas seus efeitos ainda não são observados no ensino de língua materna. Fala e escrita consideradas como duas modalidades da mesma língua, tomadas como continuum tipológico em oposição à visão dicotômica iniciada nos estudos de Ong (1998), é um paradigma de estudos que precisa ser disseminado entre os pesquisadores de linguística aplicada ao ensino de língua materna.

Referências

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado das letras, 1995.

ONG, W, J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra.** – Tradução de Enid Abreu Dobranszky. Campinas: Papirus, 1998.

Recebido Para Publicação em 15 de maio de 2018.

Aprovado Para Publicação em 30 de junho de 2018.